

Psicologia Spinozista I

Os artigos reunidos neste número da Revista Trágica e no próximo, foram apresentados na I Jornada de Psicologia Spinozista, realizada na Universidade Federal Fluminense (UFF), organizada em parceria pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI-UFF), pelo Instituto de Psicologia da UFF, pelo Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS - UFRJ, FIOCRUZ, UERJ e UFF) e pelo Núcleo de Bioética e Ética Aplicada (NUBEA) da UFRJ, em junho de 2022.

A expressão Psicologia Spinozista se refere à relação de transdisciplinaridade que pode ser estabelecida entre a filosofia de Spinoza e o campo da Psicologia. Para Spinoza, quanto mais encontros fizermos, mais potentes seremos, e isso diz respeito tanto ao corpo quanto à mente. Uma psicologia spinozista busca construções, ressonâncias provisórias entre os campos da filosofia, entendida como filosofia da imanência, psicologia, psicologia social e psicanálise. Essas construções não extinguirão as diferenças entre esses campos, mas poderão ser tomadas em um sentido estratégico. Psicólogos estudiosos de Spinoza, ou filósofos que transitam pela psicanálise e pelas psicologias clínica e social, poderão, servindo-se de conceitos desses campos do saber associados a conceitos da filosofia de Spinoza e à compreensão de sua proposta ética, produzir novas composições no sentido do aumento da potência de agir e de pensar, da potência de ser, tanto individual quanto coletiva.

Spinoza é um pensador da imanência por excelência, não passou despercebido por nenhum filósofo posterior, ao mesmo tempo em que foi um escândalo em sua época e desde então. Sua filosofia é uma ética, uma terapêutica, uma psicologia também; uma teoria dos afetos, uma teoria da mente, uma teoria do conhecimento que entende o conhecimento como um pensar dinâmico, reconstruindo todas as bases da história da filosofia, que se revela assim, claramente, metafísica e irreal, defensiva, reativa. Por isso a filosofia de Spinoza, e toda filosofia da imanência, não oferece propriamente um sistema, dentro do qual encaixamos o mundo ou a partir do qual lemos o mundo; mas, ao contrário, oferece ferramentas conceituais, que, compreendidas, nos servem para pensar o mundo inseridos nele, a vida, nossa vida, pois pensar o é somente quando em ato, como processo atual, presente. As palavras não são coisas, e servem como ferramentas para pensar imersos na vida. Por isso Spinoza nos alerta, em seu *Tratado da Emenda do*

Intelecto, que é preciso uma reforma do pensamento para pensar a vida, na vida, no instante em que o pensamento se dá. E não no âmbito da representação ou da linguagem, como um duplo do real. A filosofia não serve para se pensar a própria filosofia, mas para viver. E isso não se resume a uma “filosofia moral” – a ética implica toda a epistemologia, a ontologia, a crítica, a política, à condição de não se desejar o autoengano de uma *philosophy fiction* sob a pele de racionalismos metafísicos que no fundo nada mais são do que defesas psíquicas que buscam um controle imaginário do devir.

Neste primeiro número, trazemos um texto inédito de Laurent Bove, professor emérito da Université de Amiens e pesquisador da École Normale Supérieure de Lyon, no qual analisa a relação de objeto na filosofia de Spinoza, e sua proposta inovadora de compreensão do que seria uma estrutura Outrem (*structure Autrui*), que não é um Outro, mas o um em relação às coisas singulares, percebendo o quanto amores passionais podem conter a experiência de alegrias ativas, a partir de um afeto que não passa pela razão. Trazemos também, após o original do texto inédito em francês, sua tradução para o português.

Em seguida, Carlos Eduardo Fraga, Doutor em Psicologia pela UFF, analisa a partir do método de Spinoza o que seria a essência da drogadição, como um desejo fixado na alteração da percepção, em diálogo crítico com Lancetti e Deleuze, propondo então novos horizontes para a clínica assim como para as políticas públicas, no âmbito da Saúde Coletiva. Acompanhando o artigo de Fraga, o número traz traduções inéditas dos dois textos centrais de Deleuze sobre o tema: “Duas questões sobre a droga” e “B de beber”, sendo este último a transcrição de parte da célebre entrevista a Claire Parnet no documentário *Abecedário de Gilles Deleuze*.

Ana Carolina Costa Moreira, doutoranda em Filosofia pela UFRJ, compara o conceito de potência em Aristóteles e Spinoza, concluindo que uma psicologia spinozista implica pensamento e vida, enquanto que a perspectiva aristotélica se fundamenta numa divisão metafísica entre mente e corpo, com implicações éticas evidentes. André Martins (UFRJ), por sua vez, propõe uma tópica winnicottiana e spinoziana, que, contrariamente às tópicas propostas por Freud e Lacan, compreende o psiquismo a partir de uma unidade de corpo e mente e a capacidade humana de pensar uma ideia da ideia, como uma função do psiquessoma, que pode ser tanto de compreensão dos afetos e por conseguinte terapêutica e libertadora, quanto de defesa psíquica e dissociação, agravando o sofrimento e inclinando o psiquismo para a reatividade.

Alejandra Padilla (Universidad de la República, Uruguai), associa o conceito de corpo sensível, da dança, ao conceito de corpo em Spinoza, numa análise crítica à hegemonia da consciência presente na tradição da educação somática, enfatizando o potencial terapêutico de experiências da dança contemporânea. Paulo Peixoto, Doutor em Psicologia pela UFF, por sua vez, constrói, inspirado em Spinoza, uma compreensão dos afetos como melodias de composição entre os corpos, e apresenta casos clínicos do que nomeia como afetologia e afetopatologia.

Esperamos que este número e o próximo representem uma contribuição seminal para a interface que une a filosofia terapêutica de Spinoza ao campo da psicologia em suas diversas possibilidades, tanto teóricas quanto práticas, e desejamos a todos uma ótima leitura.

André Martins & Cristina Rauter
Editores dos números temáticos de Psicologia Spinozista